



EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE EM UM CONTEXTO DE ENSINO REMOTO: VANTAGENS E LIMITAÇÕES.

Lucas de Souza Ortolan ¹
Lorena Tomaz Ribeiro ²
Julia Nascimento Flores ³
Maria Eduarda Rocha Camilo ⁴
Simone Acrani ⁵

RESUMO

A sexualidade é característica intrínseca dos seres humanos e a educação para sexualidade torna-se peça-chave no processo formativo desses indivíduos. O objetivo deste trabalho é comparar a versão remota do programa de Educação para Sexualidade com sua versão presencial, apontando vantagens e limitações das atividades nesse contexto de pandemia. A versão presencial, abrangia a participação de 90 alunos, foi desenvolvida em 11 encontros, durante as aulas de Ciências, com turmas do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola de Uberaba/MG. Já a versão remota, ainda em andamento, abrange 35 alunos, deve ser concluída em 16 encontros, e ocorre no contraturno escolar, com a participação de turmas do Ensino Fundamental e Médio de duas escolas de Uberaba/MG. As aulas remotas, acontecem semanalmente, via plataforma do *Google Meet*. Para tanto, utiliza-se o Google Sala de Aula como AVA, e plataformas como Jamboard e WordWall como recursos didáticos para promover dinamicidade aos encontros. Uma vantagem da versão remota, é a realização das atividades em um período de contra turno das aulas obrigatórias, não afetando o cumprimento do conteúdo programático das disciplinas. Pode-se dizer que educação para a sexualidade conduzida de forma remota está sendo um marco na educação dos graduandos e dos alunos participantes.

Palavras-chave: Sexualidade, Saúde Reprodutiva, Aulas Remotas, COVID-19, Ambiente Virtual de Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Todas as pessoas, desde a concepção e, com mais ênfase, a partir do nascimento, são seres sexuados e manifestam sua sexualidade das mais variadas formas, até mesmo quando se evita falar sobre esta dimensão humana, a sexualidade (CARVALHO & SANTOS, 2020). Entender que a sexualidade influencia toda e qualquer esfera da vida

1 Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, d201720300@uftm.edu.br;

2 Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, d201820084@uftm.edu.br;

3 Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, d201820477@uftm.edu.br;

4 Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, d201811206@uftm.edu.br;

5 Professora Orientadora: Doutora em Ciências - Fisiologia, Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, simone.acrani@uftm.edu.br.



de um indivíduo é a maneira de se desconstruir mitos e tabus e do tema ser difundido de maneira mais explícita (MAIA et al., 2016).

A sexualidade é inerente ao ser humano e se desenvolve com nuances diferentes para cada indivíduo, demonstrando que a cultura, o contexto e a história de vida das pessoas são fundamentais para compreender as diversas manifestações da sexualidade (MORAES et al., 2018). Dessa forma, sendo a sexualidade uma temática associada a uma grande multiplicidade de valores, a escola precisa estar consciente da importância de oportunizar espaços para a reflexão do tema, como parte do processo formativo das (os) adolescentes (FERREIRA et al., 2019).

Nesse contexto, visto que a sexualidade é característica intrínseca dos seres humanos, a educação para sexualidade torna-se peça-chave no processo formativo desses indivíduos, ao possibilitar uma maior compreensão de todas as esferas que tangem a sexualidade e contribuir para a qualificação de cidadãos mais críticos, conscientes e respeitosos. Para Carvalho & Santos (2020), a educação sexual, ao contrário do que pensa e defende o senso comum, vai proporcionar à criança, ao adolescente e também ao adulto uma abertura para todos falarem dos mais variados sentimentos, de seu corpo, de suas ansiedades, seus desejos, seus medos, suas expectativas e suas dúvidas, com responsabilidade e respeito.

A educação em sexualidade abre caminhos para a identificação e prevenção de violências, valorização das diferenças e apresenta a coexistência como uma realidade possível (LIMA, 2019). Barbosa & Folmer (2019) entendem que a educação para sexualidade no contexto escolar é necessária para a formação da sexualidade de crianças e jovens, pois visa fortalecer sua capacidade de fazer escolhas seguras, saudáveis e conscientes e, sobretudo, fortalecer atitudes respeitosas em relação aos relacionamentos.

Além dessas perspectivas, a Educação Sexual ainda desempenha um papel importante na triagem da formação de informações e opiniões, contribuindo para que seja utilizada da melhor forma. Não se dirigindo a informações sobre os aspectos físicos do ato sexual, mas sim abordando outros aspectos, como os sentimentos, os afetos, e como se prevenir (FALCATO, 2013).

Durante um longo período, a sexualidade foi tratada na Educação Básica, única e exclusivamente com foco biológico e preventivo, abordando questões da reprodução humana (heterossexual reprodutiva), com o objetivo de prevenir a gravidez precoce e infecções sexualmente transmissíveis (BRABO et al., 2020). No entanto, nos dias



atuais, tais abordagens estão em constantes transformações e ressignificações dentro do campo educacional, buscando amplificar essa visão limitada da educação em sexualidade. Segundo Moraes e colaboradores (2018), houve expressiva superação no foco higienista e profilático no tratamento da sexualidade adolescente no âmbito da educação escolar, estendendo a abordagem pedagógica pautada nas questões atitudinais e na sexualidade como um campo do saber social, cultural e político.

Considerando a importância dessa temática, o programa de extensão “Educação para Sexualidade: uma proposta conscientizadora para alunos e professores da educação básica”, reúne discentes dos diversos cursos de graduação da Universidade, com o intuito de conscientizar alunos e professores da rede pública de ensino da cidade de Uberaba/MG, sobre os aspectos biopsicossociais da sexualidade há nove anos.

O programa de extensão realizava-se de forma presencial, oferecendo aulas dinamizadas, reflexivas e dialogadas no Ensino Fundamental e Médio de duas escolas públicas de Uberaba sobre as temáticas que envolvem a sexualidade, como: a valorização do corpo, autoestima, autocuidado, respeito, valores humanos, mudanças psicológicas, biológicas e sociais durante a puberdade, anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores, gestação precoce, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis (IST's). Além disso, o projeto ainda tem a intenção de contribuir para uma formação continuada de professores da educação básica, orientando e indicando possíveis estratégias e abordagens para se trabalhar a Educação em Sexualidade em sala de aula.

Todavia, em meio ao atual cenário da pandemia do SARS-CoV-2 (COVID-19), foi preciso repensar o modelo do projeto, buscando encaixá-lo nesse novo contexto. Foi necessário reexaminar as estratégias pedagógicas, as aulas, dinâmicas, atividades e as ferramentas que seriam utilizadas para proporcionar o êxito das atividades, concretizar os objetivos do programa e consolidar a formação do público-alvo. Dessa forma, iniciou-se uma série de adaptações nas atividades, no intuito de possibilitar que o projeto fosse realizado de forma remota.

A implementação da Educação para Sexualidade nas escolas sempre foi cercada de facilidades e dificuldades, no entanto, muitas vezes, esta última acaba prevalecendo. Os professores apontam que a facilidade para a educação sexual consiste na conquista da atenção do aluno, por se tratar de um tema muito atrativo aos adolescentes, e que eles demonstram interesse no assunto. Em contrapartida, na percepção desses docentes, os



país são apontados como um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento da educação sexual na escola (BARBOSA E FOLMER, 2019). No contexto remoto estes fatos não são diferentes. Muitos são os pontos positivos, porém, também há grandes limitações.

Dessa forma, esse trabalho tem o objetivo de comparar a versão remota do programa de Educação para a Sexualidade com sua versão presencial, analisando a efetividade e aceitação da nova proposta em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Além disso, tem o intuito de apontar suas vantagens e limitações nesse novo contexto, descrevendo as adaptações realizadas para sua implementação remota com alunos do Ensino Fundamental e Médio de duas escolas públicas de Uberaba/MG.

METODOLOGIA

A versão presencial do programa de extensão de ‘Educação para a Sexualidade: uma Proposta Conscientizadora para Alunos e Professores da Educação Básica’ realizado em 2019 abrangeu a participação de 90 alunos e foi desenvolvida em 11 encontros (**Tabela 1**), que ocorriam semanalmente em cada turma, com duração de 50 minutos, durante as aulas de Ciências e Biologia, no 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Boa Vista (Uberaba/MG). Em cada sala, os encontros eram ministrados por dois integrantes do projeto, com supervisão da professora de biologia responsável pela turma, e sob orientação da docente idealizadora do programa de extensão em sexualidade da UFTM.

Tabela 1 – Cronograma da versão presencial do Programa de Extensão.

Encontros	Temas
1º	Abertura, apresentação do projeto e acolhida aos participantes.
2º	Sexo e Sexualidade.
3º	Autoestima. Autocuidado. Respeito.
4º	Diferentes fases da vida – Aspectos psicológicos e fisiológicos.
5º	Diferentes fases da vida – Aspectos psicológicos e fisiológicos.
6º	Puberdade.
7º	Sistema reprodutor masculino e feminino.
8º	Sistema reprodutor masculino e feminino.
9º	Aula prática: Sistema reprodutor masculino e feminino.
10º	Ciclo Menstrual. Gestação precoce. Aborto.
11º	Métodos contraceptivos. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Encerramento do projeto.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

Já a versão remota do programa, ainda em andamento, abrange 35 alunos, e deve ser concluída em 16 encontros (**Tabela 2**), que ocorrem semanalmente em cada turma,



com duração de 50 minutos, no contraturno escolar, com o 8º e 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Boa Vista (Uberaba/MG), e, 8º, 9º, 1º e 2º ano do Ensino Fundamental e Médio, respectivamente, da Escola Estadual Minas Gerais (Uberaba/MG).

Tabela 2 – Cronograma da versão remota do Programa de Extensão.

Encontros	Temas
1º	Abertura, apresentação do projeto e acolhida aos participantes.
2º	História da sexualidade e consequências para a atualidade.
3º	Autoestima. Sexo. Sexualidade.
4º	Estereótipos masculinos e femininos na sociedade.
5º	Organização corporal e funcionamento dos sistemas.
6º	Diferentes fases da vida – Aspectos psicológicos e fisiológicos.
7º	Sistema reprodutor masculino.
8º	Sistema reprodutor feminino.
9º	Fertilização e desenvolvimento de um novo indivíduo.
10º	Gestação precoce. Aborto.
11º	Histórico e função social dos métodos contraceptivos.
12º	Métodos Contraceptivos.
13º	Infecções Sexualmente Transmissíveis I (IST's).
14º	Infecções Sexualmente Transmissíveis II (IST's).
15º	Mitos e verdades.
16º	Avaliação do projeto e Encerramento.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

A primeira etapa da versão remota, foi destinada a capacitação e fundamentação teórica dos integrantes do grupo extensionista por meio de encontros utilizando-se o *GoogleMeet*. Além disso, os integrantes foram instruídos para a elaboração de aulas, dinâmicas e atividades didáticas considerando o contexto remoto, buscado estratégias que auxiliariam no ensino sobre a temática, durante o período de isolamento social. Essa fase teve a duração de 4 meses.

A segunda etapa da versão remota foi realizada por meio de aulas virtuais para os alunos das escolas participantes, estas acontecem de maneira síncrona, por *web conferências* realizadas pela plataforma *Google Meet*. Além disso, foi utilizado o *Google Sala de Aula* como ambiente virtual de aprendizagem (AVA), que possibilitou uma interação adequada com os alunos durante a pandemia do SARS-CoV-2. Ferramentas como o *Google Sala de Aula*, são bastante difundidas no meio acadêmico devido a sua facilidade de manuseio pelo docente e habilidades dos alunos. A principal estratégia consistiu na aplicação de atividades *online* e atividades realizadas fora de sala de aula (YANTO et al., 2020).



Além desses recursos, foram criados um perfil para o Programa de Educação para Sexualidade da UFTM nas redes sociais do *Instagram*® e *Facebook*®, com o intuito de divulgar conhecimentos científicos sobre sexualidade, ampliar o público receptor desse conteúdo e buscar uma aproximação com os alunos participantes do projeto.

As aulas remotas foram planejadas visando a interação dos alunos, com vídeos e dinâmicas organizadas em plataforma de ensino disponíveis na internet. Utilizou-se o *Jamboard*⁶, ferramenta do Google, e *Wordwall*⁷, incentivando, assim, que os alunos interagissem e fixassem melhor o conteúdo abordado.

O projeto teve início com a apresentação do projeto e da equipe, na sequência foi realizada a acolhida dos alunos. Semanalmente, os temas apresentados na tabela 2 foram sendo desenvolvidos por meio de diferentes estratégias, como: aulas expositivas-dialogadas, transmissão de vídeos, elaboração e aplicação de jogos *online*, dinâmicas virtuais em grupos, divulgação de formulários para coletar informações/concepções dos alunos sobre a temática, nuvem de palavras, enquetes nas redes sociais do programa, entre outras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos encontros da versão presencial do Programa de Educação para Sexualidade, eram realizadas aulas expositivas-dialogadas, atividades práticas, rodas de conversas e diferentes dinâmicas que buscavam promover integração, reflexão e a mobilização dos alunos com a temática.

A Figura 1 ilustra a finalização da dinâmica sobre sistema reprodutor feminino, onde os alunos realizavam a apresentação do seu modelo (cartaz) do referido sistema e a observação de peças anatômicas dos sistemas reprodutores masculino e feminino.

6 Plataforma Jamboard disponível no site: <https://jamboard.google.com/>. Último acesso em setembro de 2020.

7 Plataforma Worwall disponível no site: <https://wordwall.net/>. Último acesso em setembro de 2020.

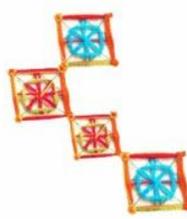


Figura 1. (A) Dinâmica sobre Sistema Reprodutor Feminino (B) observação de peças anatômicas dos sistemas reprodutores masculino e feminino, realizadas durante a versão presencial do Programa de Extensão “Educação para a Sexualidade: uma Proposta Conscientizadora para Alunos e Professores da Educação Básica”. **Fonte:** Elaborado pelos autores, 2020.

Essas atividades possibilitaram aos alunos uma aproximação com o ambiente acadêmico, permitindo a aquisição de conhecimentos mais aprofundados sobre a temática, e potencializando o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. De acordo com Almeida e colaboradores (2017), para os adolescentes, a absorção de forma significativa do conteúdo sobre sexualidade dá-se por aulas dinamizadas e interativas, visto que estas atividades saem da rotina das aulas tradicionais que estes alunos estão acostumados.

Durante as aulas expositivas-dialogadas, dinâmicas e atividades práticas foi possível observar um grande engajamento dos alunos, que demonstravam alto interesse sobre os tópicos abordados, participando efetivamente das atividades propostas, interagindo, respondendo questões e sanando suas dúvidas. Dessa forma, eram perceptíveis o entusiasmo e satisfação dos alunos durante as aulas presenciais de Educação para Sexualidade.

A versão remota do programa tornou-se um grande desafio para o grupo extensionista. Foi preciso iniciar uma série de adaptações, principalmente no que se refere as aulas, dinâmicas e atividades em grupo que eram realizadas presencialmente. Os encontros, passaram a ser realizados de forma síncrona, por meio de aulas expositivas-dialogadas por meio do *Google Meet* como demonstrado na Figura 3.

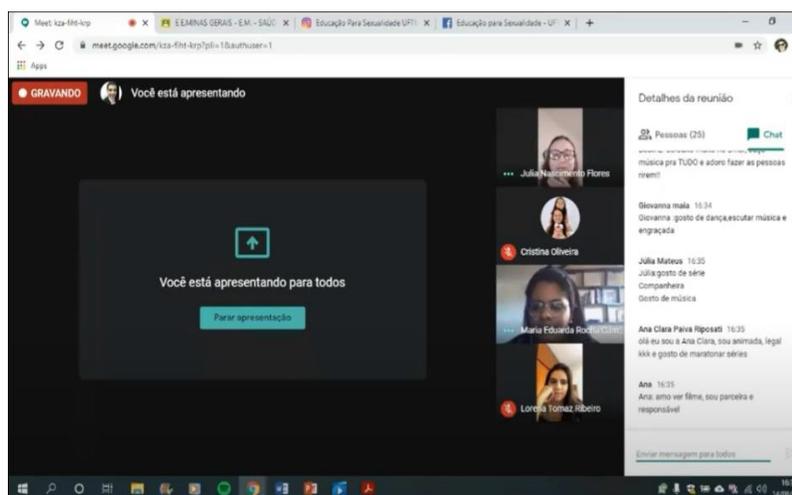


Figura 3. Tela de uma das aulas síncronas realizadas por meio do *Google Meet* durante a versão remota do Programa de Extensão “Educação para a Sexualidade: uma Proposta Conscientizadora para Alunos e Professores da Educação Básica”. **Fonte:** Elaborado pelos autores, 2020.

Além disso, utilizou-se o Google Sala de Aula como um AVA que possibilita a postagem de materiais, links, atividades, formulários e ainda permite a comunicação entre os integrantes do projeto e os alunos participantes (Figura 4). Para Faria-Filho & Vicchiatti (2020) a facilidade do uso do Google Sala de Aula, está na sua semelhança com as redes sociais, onde o aluno consegue facilmente acessar via *web* ou por aplicativo todo conteúdo de estudo compartilhado pelo professor de forma rápida por estar num ambiente onde as instruções são simples, objetivas e diretas.



Figura 4. Sala de aula virtual da turma de Ensino Médio usada durante a versão remota do Programa de Extensão “Educação para a Sexualidade: uma Proposta Conscientizadora para Alunos e Professores da Educação Básica”. **Fonte:** Elaborado pelos autores, 2020.



Utilizou-se ainda, plataformas como o *Jamboard* e o *Wordwall* para a realização de aulas lúdicas, interativas e diferenciadas. Nesses momentos, foi perceptível uma grande aceitação dos participantes com as dinâmicas propostas. Notou-se um grande aproveitamento das atividades, tendo em vista, o grande envolvimento e participação dos alunos com as mesmas. Segundo Oliveira e colaboradores (2020, p. 10):

A EaD funciona como um organismo multiplicador de conhecimento, onde pessoas que não tem condições financeiras ou logísticas de acessar informações em ambientes físicos, conseguem de forma bastante simples, rápida e dinâmica acessarem conteúdos através da educação a distância.

Nesse sentido, o ambiente virtual aumenta o leque de possibilidades de atividades, dinâmicas e jogos. No entanto, é necessária uma utilização adequada desses recursos para que eles se tornem um objeto de aprendizagem que colabore com o ensino do tema, possuindo uma finalidade específica dentro da sequência didática proposta.

Na tabela 3, é possível observar uma comparação mais nítida entre as atividades presenciais e remotas do Programa de Educação para Sexualidade, destacando suas similaridades e diferenças.

Tabela 3. Comparação entre versão presencial e remota do Programa de Extensão.

	Versão presencial	Versão Remota
Alunos participantes	90	35
Frequência	1 vez por semana.	1 vez por semana.
Duração	50 minutos.	50 minutos.
Turno	No turno escolar.	No contraturno escolar.
Espaço	Sala de aula, pátio, laboratório de informática, quadras esportivas.	<i>Google Meet.</i>
Estratégias pedagógicas	Aula expositiva-dialogada, aulas lúdicas e aulas práticas.	Aula expositiva-dialogada e aulas lúdicas.
Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)	Não havia.	Google Sala de Aula.
Recursos didáticos	Quadro-branco, projetor multimídia, PowerPoint, vídeos, dinâmicas e materiais didáticos.	<i>PowerPoint, Google Apresentações, Canva, vídeos, dinâmicas e jogos online.</i>
Ferramentas para realização das dinâmicas	Cartolina, papel pardo, folha sulfite, canetas coloridas e computadores.	<i>JeanBoard, WordWall, Google Apresentações e Google Documentos.</i>
Estratégias para coletar dúvidas anônimas	Caixa de dúvidas.	Google Formulário.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.



Tanto os encontros presenciais, como os encontros remotos do Programa, possuem a proposta de promover reflexões que conscientizem os alunos sobre os aspectos que englobam a sexualidade, despertando seu senso crítico e autenticidade. No entanto, é possível ainda, analisarmos os benefícios e limitações das atividades remotas.

Antecipadamente, antes de iniciarmos as atividades remotas, acreditamos que uma das vantagens estaria relacionada com o aumento da acessibilidade ao projeto, que poderia atingir um maior número de alunos e turmas quando realizado de forma remota, uma vez que, não haveria limitação de espaço físico e superlotação de salas de aula. No entanto, com os inícios das atividades virtuais, percebemos que o número de participantes era bem menor quando comparado a versão presencial. Neste caso, inúmeros fatores podem estar relacionados, desde a ausência à internet desses alunos ou a autorização e incentivo dos responsáveis para que os seus filhos participassem do programa.

Um ponto positivo identificado, é a realização das atividades no contra turno das aulas obrigatórias, não afetando o cumprimento do conteúdo programático das disciplinas. Nesse sentido, na versão remota foi possível aumentar o número de eventos, alcançando o total de 16 encontros síncronos. Já na versão presencial, o número de encontros se limitou a 11, visto que, os mesmos ocorriam durante as aulas de Ciências e não poderiam se estender muito para não prejudicar as atividades da disciplina.

Todavia, uma grande limitação encontrada ao se discutir a temática em tempos de isolamento social, relacionasse com a sexualidade ainda ser vista como um tabu. Nesse sentido, é necessário tomar muito cuidado com os aspectos que serão abordados, uma vez que, pais e responsáveis presentes nos domicílios podem realizar uma interpretação equivocada dos conteúdos. Além disso, muitos alunos podem se sentir constrangidos em escutar ou realizar atividades que envolvam a sexualidade perto de seus pais, podendo atrapalhar a aceitação do programa.

Por fim, uma outra desvantagem verificada se relaciona com o distanciamento físico dos mediadores dos encontros com os alunos. Os extensionistas nem sempre enxergam ou escutam os alunos em tempo real, mas somente o que escrevem em *chats* e/ou atividades. Para Almeida Junior e colaboradores (2019) a relação aluno-professor é limitante remotamente, uma vez que, em encontros presenciais há a possibilidade de várias formas avaliativas, assim como observar as expressões faciais dos alunos, o que na modalidade remota nem sempre é possível, tendo em vista limitação da internet e



recursos tecnológicos dos alunos de outras formas. Além disso, o controle do aprendizado fica em maior parte de domínio pelo aluno, a comunicação se dá única e exclusivamente pelos meios digitais de contato, como plataformas digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre educação para sexualidade sempre foi de extrema importância, principalmente se as temáticas biológicas forem permeadas por conteúdos psicológicos, sociais, políticos e históricos, como: auto-cuidado, respeito as diversidades, autoestima e outros. Desta forma será possível a formação de cidadãos críticos e que se importam com a sociedade e o meio em que vivem. Por meio desse programa foi possível alcançar várias realidades e incluir cada um dos alunos que puderam vivenciá-lo, de forma a gerar debates e esclarecimentos.

O presente trabalho corrobora ao ensino, não somente dos alunos da educação básica participantes do programa, mas também da equipe extensionista, possibilitando a prática da educação para sexualidade e, principalmente, da educação formal em si.

Ao elaborar a proposta educacional de forma remota, foi permitido o aprendizado da utilização de novas ferramentas, agregando aos graduandos extensionistas e aos estudantes que vivenciam o projeto, o entendimento e conhecimento dessas estratégias inovadoras, e que sobretudo com o contexto pandêmico se tornarão cada vez mais comum no dia a dia de qualquer estudante.

Por fim, pode-se dizer, que o projeto de educação para a sexualidade conduzido de forma remota está sendo um marco na formação dos graduandos, que precisaram adequar todo um modelo de aula tradicional e convencional que é ensinado na graduação para um novo modelo com uma nova perspectiva sobre educação em saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Triângulo Mineiro pelo fomento recebido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A. A. S. et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 70, n. 5, p. 1033-1039, 2017.



ALMEIDA JUNIOR, S.; SILVA, M. M.; POPOLIM, R. S.; GONÇALVES, C. R.; MELO, M. R. S.; BULGO, D. C. Dissemination of knowledge and scientific production in professionalizing courses: A report of experience. **Pubsáude**, v. 2, p. 1–8, 2019

BRABO, T. S. A. M.; SILVA, M. E. F.; MACIEL, T. S. Gênero, sexualidades e educação: cenário das políticas educacionais sobre os direitos sexuais e reprodutivos de jovens e adolescentes. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 15, e2013397, p. 1-21, 2020. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 21 set. 2020.

CARVALHO, G. M. D.; SANTOS, V. M. M. Algumas reflexões sobre sexualidade em tempos de isolamento social. **Revista Criar Educação**. Criciúma, v. 9, nº2, Edição Especial, p. 143-161, 2020.

FALCATO, E. M. G. **Os jovens e a escola: percursos e significados**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade de Lisboa, Lisboa.

FARIA-FILHO, C. A.; VICCHIATTI, C. A. A sala de aula invertida com o uso do Google Classroom. **Educação e Cultura em Debate**. V. 6, n. 1, p. 26-30, 2020.

FERREIRA, D. R.; RIBEIRO, G.; SILVA, P. P. (Re)construindo conceitos para a sexualidade na educação em ciências. **Imagens da Educação**, v. 9, n. 3, p. 79-94, 2019.

LIMA, E. F. O fazer-interseccional no trabalho de educação em sexualidade. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**. V.6, n.8, 2019, p.114-122.

MAIA, T. Q.; SOARES, L. O.; VALLE, P. A. S. S.; MEDEIROS, V. M. G. Educação para Sexualidade em Adolescentes: experiência de graduandas. **Nexus Revista de Extensão do IFAM**. Amazonas, v. 2, n. 2, p. 71- 78, 2016.

MORAES, S. P.; BRÊTAS, J. R. S.; VITALLE, M. S. S. Educação Escolar, Sexualidade e Adolescência: uma Revisão Sistemática. **J Health Sci**. V. 20, n. 3, p. 221- 230, 2018.

OLIVEIRA, E. S.; FREITAS, T. C.; SOUSA, M. R.; MENDES, N. C. S. G. M.; ALMEIDA, T. R.; DIAS, L. C.; FERREIRA, A. L. M.; FERREIRA, A. P. M. A educação a distância (ead) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela covid-19. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 6, n. 7, p. 52860-52867, 2020.

YANTO, B.; SETIAWAN, A.; HUSNI, R. PKM Blended Learning dengan Google Classroom for Education bagi Guru SMA Sederajat di Kecamatan Tambusai Provinsi Riau. **QALAMUNA: Jurnal Pendidikan, Sosial, Dan Agama**, v. 12, n. 1, p. 15–24, 2020.